

razão sensível e educação de sensibilidade

*para viver dignamente e não ser aplastado
e arrastado pela necessidade do mundo,
pela cotidianidade social, é preciso no impulso criador
sair do círculo imanente da 'realidade',
é preciso evocar uma imagem, formar um mundo distinto,
novo em comparação com esta realidade do mundo
(um novo céu e uma nova terra).
A criação está relacionada com a imaginação.
O ato criador sempre foi para mim algo transcendente,
algo que leva para além da liberdade através da necessidade.
Em certo sentido, se poderia afirmar que
o amor à criação é desamor ao 'mundo',
impossibilidade de permanecer nos limites deste 'mundo'.
Por ele, na atividade criadora existe um momento escatológico.
O ato criador é a vinda do fim deste mundo e o começo de outro mundo.*

*nikolay aleksandrovich berdyaev,
"autobiografia espiritual", 1957: 206*

*porque a frase, o conceito, o enredo, o verso
(e, sem dúvida, sobretudo o verso)
é que pode lançar mundos no mundo.*

*caetano veloso,
"livros", 1997*

Dentre os vários problemas que o ser humano vem enfrentando ao longo dos séculos para assegurar a sobrevivência da espécie, um dos mais antigos e mais importantes, sem dúvida, é o problema da preparação das novas gerações, pela geração atual, para enfrentar os mesmos problemas que ainda não foram solucionados e para enfrentar outros que virão. Esta é uma temática universal e, por que não dizer, *arquêmica*: isto é, faz parte da memória do ser humano e não somente parte da memória individual de uma única pessoa.

Novamente, a questão se coloca: como preparar novas gerações com o conhecimento que dispomos hoje, sabendo que as inovações tecnocráticas, bioenergéticas e midiáticas tornam obsoleto o que até ontem era atualíssimo? Como nos relacionarmos com as pessoas na condição de alunos e alunas concretas que temos à nossa frente com todas as suas resistências, desinteresses, curiosidades e ansiedades? Como responder aos olhares que perscrutam uma referência de atitude, uma orientação, no sentido mais antropológico do termo? Percorrendo os documentos da história, quantas lamentações idênticas às atuais queixas (indisciplina, apatia, revolta, falta de valores, etc ...) não ouviremos dos mestres egípcios ou dos *"didáskalos"*¹³⁰ (mestres) gregos da educação na antiguidade!

A partir do intercâmbio virtual entre estes educadores da antiguidade e os de hoje, além da necessidade de ambos em dialogar com a inquietude e com as alternativas possíveis, nos prova, a todo momento, algo extremamente óbvio. Óbvio, pelo menos, para quem ainda dispõe-se a

130 manacorda, 1989

olhar para o céu quando sai ao trabalho pela manhã e diz “*bom dia*” ao transeunte e ao jardineiro: é necessário **sensibilidade**.

Numa rápida e simplória reflexão sobre os últimos caminharas das ciências (naturais e humanas), da filosofia e da educação, podemos verificar o ápice de nossa jornada: velocidade de informação, controle genético, explorações espaciais, mergulhos cada vez mais profundos na intimidade das substâncias, das células, elétrons, *quarks*... ao mesmo tempo, os frutos do domínio da razão que se crê absoluta são evidentes, por si mesmos, da insuficiência cega dessa mesma razão: armas biológicas na primeira guerra mundial, holocausto, hiroshima e nagazaky, coréia, vietnã, klu-klux-klan, chernobyl, líbano, bósnia, operações “*tempestade no deserto*”, golpes militares, perseguidos políticos, desaparecidos, exploração e prostituição infantil, violência urbana, violação de direitos básicos da pessoa, alimentação industrializada e supersaturada, biotecnopoder nos rastreamentos e controles de comportamento via internet, reconhecimento facial, etc... O cíclope da *encyclopédie* devora como *cronos* devora a seus filhos...

Poderíamos multiplicar esta lista *ad infinitum*, mas poupemo-nos a memória um breve instante e fiquemos por um momento com a singeleza de algumas imagens a nos guiar o devaneio poético-educador.

As mesmas flores que soterramos com nossas granadas e fuzis, nos deram lírios de luz franciscana, de perfume e frescor incomparáveis, nas obras da cultura que herdamos e que legamos para as futuras gerações. Acreditamos que educar o olho para enxergar as flores e o céu, assim como educar a mão para cultivá-los (céu, flores e amigos) seja a divisa mais importante no mundo da cultura, no seu sentido mais agrário: rasgar o solo árido, revolver a terra, plantar a semente, irrigar com um pouco de poesia e partir para outros campos, pois para o educador que aspira a ser uma sombra do *didáskalos* (o mestre autêntico de que nos fala o filósofo *georges gusdorf*), não se espera a pequena planta crescer. Terminado o plantio, segue para outros campos, pois o trabalho é imenso e sementes existem várias.

Se lhe aflige a angústia de um local de trabalho que oprime, segue para outro onde possa cultivar o jardim (*képos*¹³¹) da ética epicurista: no reino da *philia* (amizade e paixão), com aqueles que lhe são caros, queridos e próximos – na partilha do pão, do vinho e dos livros – preparar o tempo futuro. Sob a águia da *pax americana* e do *kapitalismus geist*, vivemos novo império macedônico a pilhar, saquear e banalizar a vida cotidiana. A diferença é que a adolescência audaz de um *alexandre, o grande*, cedeu espaço para o delírio globalizante de um império global. A preceptoría de um ilustre escravo grego, chamado *aristóteles*, cede lugar à primazia de um obscuro e invisível *adam smith*, como nova e insuficiente figura adâmica.

Para os que ficam na espreita do caule tenro que germina, a esperança ativa de se refrescar à sombra da copa arborescente que se ergue de um tronco forte e de galhos generosos que, se ainda mais generoso, nos der flores e frutos, mostrarão os resultados do cultivo. No prolongamento de uma pedagogia da demonstração vivifica uma pedagogia da “*mostração*”¹³². singela, humilde e autêntica insistência na presença humana.

131 *képos*, jardim em grego, é referência ao quintal da casa do filósofo *epicuro* (séc. III a.C.) que, durante a invasão e barbárie macedônicas, reunia suas pessoas amigas, discípulas, e com o pão e vinho possíveis, discutiam, escreviam, compunham, gestando um outro mundo possível no interior do mundo. Muito provavelmente inspirado na poeta *sappho* (sec. VI a.C.), vide: pessanha, 1992.

132 paula carvalho, 1982

Sem dúvida, seria desejável modificar o nosso olhar sobre as coisas e, modificado o olhar, amañhar a própria mão, tornar reto o andar dos pés cansados, e descobrir que o diálogo é a condição primeira do conhecimento: descobrir e descobrir-se no outro. Depois de jornadas difíceis nas pesquisas mais recentes e profundas na epistemologia, na antropologia, na sócio-antropologia do cotidiano, na filosofia e na educação, só nos resta seguir o caminho aberto por aqueles que arriscaram – assim como o peixe que largou os pesados abrigos e rasgou o caminho que levou ao *homo sapiens* (nos lembraria o mestre filósofo *emmanuel mounier*¹³³) – descobrir que antes, durante e depois da razão há outras florescências que garantem a vida e a transmissão da vida, garantem o sonho e a transmissão do sonho, garantem a utopia e a sua realização.

Em meio a estas florescências descobrimos o imaginário, o mito, o devaneio poético, a obra literária, as obras de arte, os monumentos da cultura: todos a nos contar a verdadeira saga humana. Nossa preocupação é educar ouvidos para que ouçam esta saga que brota de uma voz silenciosa no olhar atento do aluno que percebeu que tínhamos muito mais do que uma inocente *história* ou *estória* para contar... A partir daqui seremos mais alguns candidatos a *didáskalos* que, com o diálogo e o conhecimento, cultivaremos os campos, olhando o céu, dizendo bom dia e tentando fazer *bons dias* no mais insólito e, realmente, vivido cotidiano.

E se, ao menos, em meio às novas gerações, alguém se lembrar do quanto uma *razão sensível* é importante para a sobrevivência humana. E se contar para um terceiro, dessa importância estampada nas obras da cultura, no prosear de um fim de tarde, ou numa sala de aula (se ainda houver salas de aula!), acreditamos que a aurora humana virá ainda por mais alguns séculos. Pois, a paixão de educar não se reduz a um corpo teórico de reflexões. Necessita dele, mas o ultrapassa no olho sincero e na mão obreira e amiga. Segredos de temperança (*sophrozyne*) que o ferreiro, forjador de cultura, nos secreta no fogo úmido, no ritmo e na melodia cíclica que faz do martelo, da bigorna e do metal, uma preciosidade que emerge lisa, límpida e lustrosa do que antes era apenas matéria-prima. Emerge do concerto entre o olho e a mão¹³⁴.

Mesmo quando ambos, professor e aluno – mestre e discípulo possíveis – dizem um adeus prazeroso em virtude do cultivo findo. Um aceno e uma lágrima furtiva são imagens que nos dizem e nos ensinam o quanto frutífero foi o encontro.

Mas, a esperança... A mesma esperança que *gilbert durand*¹³⁵ nos diz ser a grande função matriz do imaginário: a esperança de novos encontros norteia o passo hesitante. E basta um vislumbre de novos campos para que, parafraseando *gaston bachelard*, o mestre de durand, a imaginação da vontade acorde do conforto do repouso e ponha em movimento o eterno criar humano.

O polo racional desta *razão sensível*¹³⁶ organiza a complexidade dos fenômenos, dando-lhe organicidade, unicidade e coerência a partir da multiplicidade, valendo-se das mais várias lógicas possíveis – desde a similitude, a *hermetio ratio*, as pluri-lógicas, a lógica da energia de *lupasco* e outras tantas – reconduzindo a lógica aristotélica e o pensamento cartesiano (pilastras

133 mounier, 1964:176

134 ferreira-santos, 1997

135 durand, 1981

136 maffesoli, 1998)

do pensamento ocidental) aos seus próprios limites. Portanto, há uma função “estética” na organização lógica da racionalidade.

O polo sensível da mesma *razão sensível* configura a experiência estética do *estar-no-mundo* e suas imagens e símbolos, na busca constante de constituir sentido à existência. Sendo uma existência tríplice: *ser – com o outro – no mundo*, o humano necessita expressar sua pertença e seu estranhamento através de formas simbólicas, as quais nos ensina o mestre *ernst cassirer*, são o *mito*, a religião, a linguagem, a história, a ciência, a arte¹³⁷. A produção artística é, exatamente, o meio pelo qual a criação é colocada como questão ontológica para o humano. A rigor, sem esta criação, não há construção humana, pois, é preciso lembrar também que a humanidade em nós é, duramente, construída no desfile solene dos minutos cotidianos do mais insólito banal. A humanidade em nós não é um dado *a priori*. É uma construção, um afrontamento. Portanto, há uma função “lógica” na simbolização da experiência sensível.

Os dois polos da *razão sensível* formam uma tensão constante e indissociável que, de forma recursiva, solicitam-se, antagonizam-se e complementam-se. Sua equibração é a busca. Como o *yang* e o *yin* da mônada chinesa ☯ que complementam-se na tríade do tao: a *equibração* é o terceiro elemento¹³⁸. A dimensão latente que complementa o patente, também verificamos no universo hindustani: a sílaba mântica *om* ॐ [aum] é composta de quadro elementos. Além das três letras, há o *silêncio* de onde ela também provém e para onde tudo se dirige¹³⁹. portanto, a equibração que buscamos está a milhas de distância da estática. Ou ainda mais rigoroso e radical: a busca é a condição de equibração.

O exercício e as atitudes de uma *razão sensível* se articulam, prontamente, com outra polaridade: a *imagem-lembrança*. Imaginação e memória se fundem e se reconstituem no solo arquêmico; assim diz bachelard:

os arquétipos são, do nosso ponto de vista, reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amar o mundo, a criar o nosso mundo. Quanta vida concreta não seria dada ao filosofema da abertura para o mundo, se os filósofos lessem os poetas! Cada arquétipo é uma abertura para o mundo, um convite ao mundo. De cada abertura eleva-se um devaneio de alto vôo. E o devaneio voltado para a infância devolve-nos às virtudes dos devaneios primeiros. A água da criança, o fogo da criança, as árvores da criança, as flores primaveris da criança... Quantos princípios verdadeiros para uma análise do mundo¹⁴⁰

Nesta articulação de imaginação e memória, a liberdade da criação atualiza sonhos e angústias na memória da humanidade. Uma invariância arquêmica confere unicidade à multiplicidade de formas culturais nos espaços geográficos e nos tempos históricos, através de um tempo primordial: *espaçotempo*. Uma imagem cósmica se impõe na percepção de nossa situação existencial e de nossa finitude. “as imagens cósmicas são por vezes tão majestosas que os filósofos as tomam por pensamentos”¹⁴¹. Então, percebemos que, ao contrário do que há séculos nos

137 cassirer, 1973

138 laoji (1990)

139 campbell, 1992 e 1990

140 bachelard, 1996:119

141 bachelard, 1996:23

ensinaram a pedagogia da demonstração como a imagem sendo o rascunho do senhor conceito, na verdade: o conceito é um rascunho da imagem.

Talvez, antes que o furor epistemológico do pensamento minimize o vigor vivencial da imaginação, seja desejável ressaltar nossa variabilidade cultural que se apresenta interessante para reviver e experienciar imagens próprias do *anthropos latino*, exemplificando as novas atitudes de uma velha educação de sensibilidade, para além do etnocentrismo europeu.

Uma dessas imagens que nos remetem ao universo arquêmico do ventre materno é a “*vasija de barro*”. Na região andina, entre quéchuas e aymaras, após a morte de uma pessoa, ela é mumificada com técnicas muito semelhantes ao processo de mumificação egípcio. No entanto, o corpo fica em posição fetal, e ele é depositado no interior de uma grande vasilha de barro, junto com pertences que levará na travessia ao outro mundo. Algumas vertentes dizem que a alma do falecido ficaria, neste estágio intermediário, sob a forma de uma mosca azul e que depois retornaria ao corpo original. A esposa de um sacerdote teria chorado piamente pela morte de seu amado. A partir daí, o ser supremo, *kon tisi illa wuiracocha*¹⁴² (a partir do quechua: “*senhor de face repleta de espumas, a poderosa raiz do universo*”), decreta como sentença, o não retornar mais ao corpo original. O drama da finitude se instala.

Neste relato mítico, o mitema principal é o retorno. Retornar ao corpo ferruginoso do barro, da terra úmida cozida, ao ventre escuro e fresco. Um tema folclórico da região onde hoje se encontra o equador, chamado “*vasija de barro*”¹⁴³, recopilada e adaptada por v. valencia, nos exemplifica o mitema:

*“yo quiero que a mi me entierren
como a mais antepasados
em el vientre oscuro y fresco
de una vasija de barro
cuando la vida se pierda
tras una cortina de años
vivirán a flor de tiempo
amores y desengaños
arcilla cosida y dura
alma de ver despojado
barro y sangre de mais hombres
sol de mais antepasados*

*de ti naci y a ti te vuelvo
arcilla, vaso de barro
com mi muerte yasgo em ti
de tu polvo enamorado.”*

Construída no ritmo equatoriano chamado *danzante* que remonta a *danza incaica*, ou ainda ao *yaraví*, de estrutura cíclica e compasso binário, é executada com grande frequência na paisagem da cordilheira com um característico instrumento de *viento* (flauta) chamado *quena*. Se pode

142 lara, 1976

143 inti-illimani, 1976

ouvir minha adaptação deste tema, com a participação de um coro de alunos e alunas da universidad nacional de educación de ecuador, em:

<https://open.spotify.com/track/51Z2tZXRAdhPP0nSD0THJD?si=7857cf80bac64040>

Segundo versões de fortes traços míticos, a quena teria sido construída também por um sacerdote, um *amawta*, nos tempos imemoriais do império incaico, o *tahuantinsuyu* (quechua: “reino das quatro direções”). Como era uma sociedade estratificada por castas, o amawta se apaixona secretamente por uma *ñusta* (princesa incaica), a qual, também, secretamente, percebe o amor devotado pelo sacerdote. Vivendo este amor impossível, a *urpillita*¹⁴⁴ morre de tristeza. O amawta, depois que ela é recolhida na funerária vasilha de barro, passados vários anos e sentindo uma saudade incontrolável, ele a retira da vasilha de barro e retira a sua tibia¹⁴⁵. Com carinho, a limpa, perfura com sete furos, aproveita a ranhura superior que se encaixa na rótula e abre uma embocadura que se ajusta aos lábios. Aí nasce a *quena* com a mesma medida que a tibia humana, com seu som melancólico e profundo de quem beija a amada na embocadura e a anima com o seu próprio sopro na música. Novamente o retorno, através da produção artística e da experiência estética. Aqui entenderíamos porque o mestre joseph campbell nos diz que a imagem se inscreve no corpo: o mito é música e a música provém do corpo. Em profundidade, vivemos o destino de nossas células¹⁴⁶. Neste sentido, a *arquitessitura* evidencia a estrutura musical do mito e a estrutura mítica da música, em permanente recursividade.



144 tratamento amoroso dado à amada em quechua. literalmente: “*pombinha*”.

145 rojo, 1975

146 keleman, 2001

Outro exemplo, verificamos nos símbolos de transformação na canção folclórica venezuelana, cujo nome retrata o próprio ritmo: *polo margariteño*. Ritmo herdado da espanha meridional, teria ainda, segundo a musicóloga *isabelle aretz*, conservado características do polo andaluz ao ser apropriado pela ilha de margarita, na costa da venezuela. Numa incomparável interpretação de soledad bravo¹⁴⁷, ao *cuatro venezolano* – instrumento de quatro cordas - , uma das versões diz:

*el cantar tiene sentido,
el cantar tiene sentido, entendimiento y razón
la buena pronunciación del instrumento al oído...*

*cante, cante compañero
no tengas temor de nadie
porque soy margariteño
y el polo salió de españa
y em margarita entró*

*miras el lirio que el tiempo no consume
y hay una fuente que lo hace florecer
flores y lirios que dame tu perfume
que yo soy la fuente, que dejame correr...*

*que hago yo solo en el campo
que hago yo en el campo solo
yo no enamoro ni canto
yo no canto ni enamoro
allá fuera viene un barco
y en el viene mi amor*

*suspirar la brisa y suspirando lejos
y abre el capucho de una blanca rosa
sale el gusano de su prisión de seda
y se convierte en linda mariposa*

*lo que puede sufrir, se lo he sufrido
lo que puede llorar, se lo he llorado
y el cantar tiene sentido,
entendimiento y razón...*

Também se pode ouvir minha adaptação deste tema com a recompilação de várias estrofes tradicionais venezolanas em homenagem a violeta parra, em:

<https://open.spotify.com/track/6yrQ5G0VuEFocxTdEKeHgY?si=a22c621f92c04c04>

O *rasguido* no *cuatro venezolano* é cúmplice do ritmo quase que copulativo das mãos sobre as quatro cordas desta pequena guitarra construída com fina folha de cedro. Instrumento básico de

147 soledad bravo (1985). *chants du vénézuéla*. in: *musique du monde*. paris: buda musique, collection dominique buscaïl.

harmonia e acompanhamento nos ritmos dos *llanos* venezuelanos e colombianos, também há *virtuoses* que fazem dele um instrumento solista. Esta herança andaluza faz do polo margariteño um emblemático exemplo da profundidade do retorno, agora transformado.

O lírio não se consome pelo tempo. Sua florescência é quase eterna e quem lhe floresce é a fonte que, ao mesmo tempo, é o sujeito que pede perfume. Lembra o mestre bachelard, o perfume é, exatamente, o elemento que possibilita nossa fusão com as coisas. Nada impede que ele nos penetre e nos envolva. Como fonte, na canção, pede que lhe deixem correr. O movimento das águas é a mudança constante daquilo que permanece. Para ser o que se é. Transformar-se, ininterruptamente, alcançando aquilo que lhe é específico.

Acompanhando o perfume na brisa que suspira, novamente a transformação se dá no abrir-se da rosa branca. De uma prisão de seda, que nos lembra a narrativa mítica de *sheng* (bicho-da-sêda)¹⁴⁸ na china e sua temática arquêmica do envolvimento, sai o *gusano* (lagarta) que se transforma em bela borboleta. A prisão precede a liberdade e o atemporal precede o movimento. Os contrários são chamados a se complementar. A estrofe que abre e termina o polo margariteño também é emblemático de nossa postulação de uma razão sensível: “*o cantar tem sentido, entendimento e razão*” que se complementa à “*boa pronúncia do instrumento ao ouvido*”. razão e sensibilidade, aliados à ancestralidade.

Com as cores latinoamericanas temos a recorrência dos mesmos padrões arquêmicos. Por isso, a fórmula de nosso filósofo alemão da filosofia trágica, *friedrich wilhelm nietzsche* (1844-1900), continua válida: “**amor fati**” (amar o seu próprio destino), que por sua vez, é tributário de *arthur schopenhauer*: “*minha fórmula para a grandeza do homem é amor fati: não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo (...), mas amá-lo.*”¹⁴⁹. Tanto “*(...) assim como o fatum pairava sobre os deuses dos antigos*”¹⁵⁰.

Entendida desta forma, a educação de sensibilidade perpassa as práticas iniciáticas à cultura (mundo simbólico), através da cultura (no sentido agrário e hermesiano) das várias culturas (de grupos sociais num determinado espaço-tempo). Valendo-se das artes (plásticas, musicais, literárias, videográficas e fílmicas)¹⁵¹ em que as imagens e os símbolos, articulados em narrativas articulam, por sua vez, o patrimônio histórico-cultural do humano e sua memória com o repertório cultural cotidiano dos alunos e suas trajetórias individuais, tornando-os **significativos**, e possibilitando-lhes a sua apropriação, perlaboração e re-elaboração poética. O conhecimento retorna, então, ao coração, cumprindo seu destino.

*a noite é símbolo do inconsciente e permite às lembranças perdidas,
“voltar ao coração”, semelhantes às brumas do entardecer.*¹⁵²

148 ching& wei, 1982

149 nietzsche, 1974:382

150 schopenhauer, 1988:95

151 ferreira-santos, 1999

152 durand, 1981:209

É nesta região, “*onde o sol nascente se dissolve por inteiro na bruma infinita.*”¹⁵³ em que um regime crepuscular de imagens une a memória, o *religare*¹⁵⁴ e a esperança de um futuro na necessidade *theanthrópica*¹⁵⁵ da criação: *poiésis*. Eis também o fundamento de uma pedagogia árabe do *dhkir*, pois, antropologicamente, “*o homem é, fundamentalmente, um esquecedor: daí a necessidade das filhas de mnemosyne para lembrá-lo.*”¹⁵⁶: as musas.

Aguçando a sensibilidade de nossas pessoas na condição de alunos e alunas numa clara tentativa de elisão dos etnocentrismos, onde a diferença e a alteridade sejam valores solidários minimizando o preconceito e a intolerância, esta educação de sensibilidade, numa *prática crepuscular*¹⁵⁷, no sentido que vimos tratando, circularia *imagens-lembranças-sonoras* sob o pretexto dos conteúdos programáticos do currículo escolar. Tal prática desemboca na iniciação à humanidade no humano e na constituição e engendramento de **mestres**, no sentido preciso de gusdorf¹⁵⁸.

Para tanto, uma abertura inicial é imprescindível. Na nova atitude e mentalidade percebemos algo tão antigo como arquêmico: a paixão pelo outro, abertura na presença humana, numa palavra: respeito.

Ao nosso caro burocrata assustado ao nos ver às voltas com crianças, ondinas, sílfides e salamandras crepusculares lembraríamos de bom grado que, sem poesia e sem sensibilidade, a verdadeira criação não se faz. O seu simulacro se converte em mera técnica. E só o poder perpetua a técnica.

A criação exige poesia...

e a poesia, tão somente, de um prelúdio de silêncio...

153 bachelard, 1990:85

154 termo latino original para “*religião*”. Longe dos dogmatismos das seitas e das religiões secularizadas ou das políticas sacralizadas, designa seu papel fundamental que é a “*re-ligação*” com o sagrado, com o numinoso.

155 da reciprocidade da constituição entre o sagrado e o humano. Vide berdyaeu, 1957 e ferreira-santos, 2000

156 hanania & lauand, 1996:42

157 ferreira-santos, 1998. Veja-se também as dissertações de mestrado explorando esta concepção: carmen capitoni (ugf/rj) com ludicidade e educação de surdos (2002) e alexander de freitas, *gaston bachelard e o homem das 24 horas* (2003), programa interunidades em ensino de ciências (if/iq/fe – usp).

158 gusdorf, 1987